

Saúde e riqueza

(Conferencia que, por motivo de molestia, deixou de pronunciar o autor na sessão inaugural da Sociedade de Medicina e Hygiene Tropical, realizada no dia 2 de julho de 1919).

O poder de reacção, de combatividade de um povo, assenta em um lastro de energias hereditarias e adquiridas que condensam e estratificam os elementos de resistencia physica, moral e intellectual das suas unidades. E' uma resultante de forças kosmicas, vitaes e sociaes que actuan com o mesmo rigor determinista sobre os individuos e os differentes specimens de sociedade, dando-lhes uma estrutura especifica, uma "facies" propria, concitando-os a seguirem este ou aquelle rumo, sempre no sentido da lei do menor esforço, lei fundamental do progresso humano sob os seus mais variados aspectos.

As formas elementares, primitivas, grosseiras, do evoluir social, como o florescer, a

magnificencia, o esplendor de uma civilização, constituem syntheses creativas, formações naturaes de cada raça, de cada nacionalidade, nas suas mutações lentas, profundas e continuas. Ellas retratam nos seus matizes, nas suas linhas harmoniosas, nos seus contrastes, o typo enervado, apathico do esquimó das regiões polares, e a rudeza, a ferocidade, o embrutecimento do botoeudo dos tropicos; os fastos guerreiros dos povos invasores e as migrações pelos montes, pelas planicies, pelos littoraes, das populações nomades; o viver monotono, as tradições uniformes, os costumes rigidos, a legislação archaica das sociedades retardatarias, e o genio inventivo, a audacia, a viveza, o instincto de liberdade das nações que têm cooperado, pela sciencia, pela industria, pela arte, em dilatar e fortalecer o imperio do homem sobre a natureza.

E' que a vida de uma sociedade, qualquer que seja o seu gráu de desenvolvimento, reflecte como a vida obscura do plasma, como a vida humilde e laboriosa de um formigueiro ou de um enxame de abelhas, uma polarização dinamica do phenomenismo universal, repoustando sobre o mesmo fundo mecanico, com o mesmo tonus organico, com os mesmos movimentos automaticos, coordenados, instinctivos, prepostos á persistencia de caracteres ancestraes, uteis a cada especie, e á aquisição de outros que, sob o impulso de necessidades novas, vêm alargar e enriquecer o campo da existencia.,

Outra não é a natureza intrinseca da he-

reditariedade e da adaptação que regem, com certeza mathematica, a actividade cellular, o arranjo funcional dos órgãos, as formas inferiores e as formas superiores do psychismo, a vasta e complexa engrenagem das instituições sociaes.

Ahi está justamente o principio da unidade do mundo vivo, unidade que é apenas uma parte integrante da unidade kosmica, antevista intuitivamente em uma epoca distante, com a concepção pantheista do Universo, e reduzida a *systhema scientifico* pelo genio dos pensadores gregos.

Com effeito, a biologia vê no factio vital uma correspondencia das condições internas do organismo com as condições externas do meio; uma synthese de base, physico-chimica, um microkosmo regido por leis mecanicas. A psychologia vê egualmente na vida psychica a mesma correspondencia, em grau mais elevado, dos movimentos internos da massa cerebral, tambem de base physico-chimica, com os estímulos do mundo exterior; e a sociologia, que sobreleva as demais sciencias, por ser a mais complexa, percebe, por sua vez, na sociedade um todo organizado cujas condições de resistencia, de vitalidade, de desenvolvimento, se mantêm harmonicas, em equilibrio com as condições naturaes do solo, isto é, com a configuração geographica, o clima, a riqueza e a escassez da flora e da fauna, com todo um conjuncto de circumstancias, que forma propriamente o "habitat". Entre este e o grupo social ha uma troca de energias, um phenomeno de

symbiose, de acção e de reacção reciprocas, em virtude do qual a vida individual e collectiva se conserva e se renova.

E' esta uma das grandes verdades da sciencia moderna—a da estreita solidariedade da terra e do homem, a da intima connexão de forças physicas, de forças organicas e de forças sociaes, cujo equilibrio é o ponto de apoio de toda a historia da civilização.

Já se foi o tempo em que o historiographo, o medico, o legislador acreditavam que uma vontade omnipotente regulasse os destinos humanos; que uma intelligencia sobrenatural ditasse leis aos povos; que um codigo, um decreto, bastasse para inverter o curso dos acontecimentos.

Como o erro geocentrico, como o erro anthropocentrico, dos quaes ninguem hoje quasi se recorda, taes concepções não podem servir de pedra angular á sciencia dos factos historicos.

Esta tem que ser, como diz um celebre escriptor, a geographia no tempo, como a geographia tem que ser a historia no espaço.

Ha, pois, um determinismo tellurico, um determinismo biologico, um determinismo psychologico que se entrelaçam, que se interdependem, que se completam na formação das diversas formas de coexistencia social; e o papel do historiador e do sociologo consiste em precisar a extensão e a influencia com que elles actuam na vida do aggregado.

Aliás, na antiguidade, ao velho Hippocrates não escapou a repercussão sobre a natureza

humana dos factores mesologicos peculiares á cada região. Observava elle que a qualidade do ar respirado em um logar alto ou baixo, secco ou humido, o alimento, a agua de beber e os vapores aquosos influíam consideravelmente no estado moral, intellectual e politico dos povos. Referindo-se á Asia, onde a temperatura se afasta dos calores e dos frios excessivos, descreve assim o modo de viver dos habitantes: os costumes são amenos e simples, tudo no homem é temperado como o clima; falta-lhe coragem, constancia no trabalho, abate-se facilmente pela fadiga, não tem energia moral, deixa-se levar pelo prazer e é dominado sem difficuldade. Na Europa, accrescenta elle, dá-se o contrario: os costumes variam com as disposições locais de cada região; si o paiz é montanhoso, muito acima do nivel do mar e exposto a grandes vicissitudes atmosphericas, os habitantes são corajosos, ardentes no trabalho, rudes na fadiga, capazes de grandes empresas, violentos em suas resoluções e em seus habitos, mais selvagens do que civilizados, e de indole mais bellicosa.

Estas idéas, em parte verdadeiras, foram muitos seculos depois, retomadas por Montesquieu, como explicação do "modus vivendi" das nações. Para o eminente autor do "Espírito das Leis" os differentes graus de sensibilidade derivam dos differentes climas: ella é pouco accessivel aos prazeres nos paizes frios, maior nos paizes temperados, extrema nos paizes quentes. A coragem, a resistencia physica e moral, a sobriedade, a brandura ou a fe-

rocidade nos costumes, o genero de vida economico, a arte, a religião, as leis, as formas de governo são expoentes das condições climatericas, da disposição e da riqueza do sólo.

A importancia do determinismo tellurico só foi definitivamente considerada no seculo XIX, com a constituição scientifica da anthropogeographia a que se ligam os nomes de Elisée Reclus, de Ratzel, de Ritter, de Vidal de la Blache e de muitos outros.

Ao clima vieram juntar-se os accidentes do territorio, a montanha, a planicie, os rios, os mares, a fertilidade das terras, o subsolo, com o que então se completou o quadro das condições phisicas do desenvolvimento das sociedades. Basta lembrar de passagem que a montanha e o planalto serviram de refugio ás populações fracas que ali se punham a salvo das populações fortes; que nas vastas planuras de rica vegetação, onde os meios de subsistencia eram facilmente adquiridos, a vida social tornava mais fixa. accentuava melhor, nela uniformidade de habitos, a convivencia dos homens; como tambem á margem dos rios, dos lagos e nos littoraes floresceram primeiro que em outra parte os grandes centros de cultura intellectual, de exploração agricola, industrial e commercial.

A's condições telluricas juntam-se caracteres vitaes e pschicos do aggregado, as qualidades de raça, a indole, as crenças, os costumes, o grau de educação, a somma de experiencias adquiridas, tudo que liga o presente de um povo ao seu passado, e é como que o echo

das emoções, dos pensamentos dos que se foram, echo que não se extingue nunca, ao contrario se propaga com vibrações sempre novas pelas gerações vindouras.

Attingimos, pois, o periodo de evolução mental em que não mais se admitte o velho conceito de uma natureza physica e de uma natureza humana como cousas separadas, cada qual com as sus leis inconfundiveis.

A natureza physica e a natureza humana são apenas formas differenciaes do grande todo, ou como diz Elisée Reclus, o homem não é mais do que a natureza attingindo a consciencia de si mesma.

E esta unidade que existe no Universo reflecte-se igualmente no conhecimento que temos do Universo; projecta-se no nosso eu, d'elle irradia-se depois como força subjectiva para o mundo exterior, onde se faz sentir por este poder formidavel de que dispõe a nossa especie de adaptar o planeta ás suas proprias necessidades. Esta adaptação está na razão directa da somma de experiencias, gradua-se pelo numero de percepções exactas da realidade phenomenol, pela base experimentalista em que assentam as nossas generalizações sobre os phenomenos physicos, vitaes, psychicos e sociaes que condensam toda a existencia kosmica.

Por isto mesmo a sciencia tem, como a arte, a moral, o direito, uma função biologica, que é conservar, garantir, distender a vida, por processos que corrigem ou aperfeiçoam os processos naturaes.

Haja vista a medicina que, de um salto, passou do charlatanismo empirico para o campo da analyse e da synthese scientificas, quando percebeu na molestia, não uma simples entidade clinica, mas um phenomeno complexo, variavel com as condições organicas do individuo.

Haja vista o direito penal que é um systema de defesa individual e collectiva, abandonando a figura metaphysica do crime para estudal-o através do criminoso e da sociedade de que elle faz parte.

E sem falar de outros ramos do saber, basta citar aqui a economia e a hygiene, duas sciencias que parecem extranhas uma á outra, mas que realmente se dão as mãos, a primeira tendo em vista os processos que põe o homem em pratica para satisfazer as suas necessidades; a segunda tendo em conta as circumstancias que contribuem para reduzir, perturbar, supprimir o mecanismo regular da vida, do seu equilibrio que repousa exactamente na satisfação daquellas necessidades.

Uma occupa-se da riqueza; a outra da saúde; si os economistas nos dizem que a riqueza é um modo de ser da lei de adaptação, que é uma utilização das forças naturaes pelo trabalho physico e intellectual; os higienistas nos dizem egualmente que a saúde é tambem o proprio facto da adaptação, é a utilização de forças naturaes pelo trabalho cellular. Si a riqueza traduz a actividade do individuo e da sociedade para se conservarem, para não perecerem; si a saúde marca da parte da cellula

e dos órgãos o poder de resistir á morte, logo riqueza e saúde são termos correlativos, expressam factos que têm o mesmo substrato, as mesmas raizes; e a economia e a hygiene são sciencias irmãs, originarias do mesmo tronco que é a biologia.

Entretanto, não se tem destringido claramente este parentesco; economistas e hygienistas trabalham em grupos separados, quando os seus esforços tendem muitas vezes ao mesmo fim.

Em todo caso, já se vae tornando vulgar a idéa de que o phenomeno economico é para a sociedade o que a nutrição é para o organismo: nutrir-se e produzir são factos que envolvem a mesma identidade de processos.

Quem não vê nos productos da secreção, no amido, no gluten, na concha, nos espiculos, formas elementares do capital, umas destinadas ás despesas organicas extraordinarias, outras á defesa e protecção do organismo?

E do conjuncto de milhões de cellulas, que formam os seres organizados, não resalta todo um systema de phenomenos identicos por sua natureza aos phenomenos economicos?

Não se pode, por ventura, comparar a assimilação á actividade industrial?

Não são a differenciação das funcções e a sua solidariedade a divisão do trabalho e a cooperação? Não ha entre as cellulas distribuição e troca de energias vitaes, como ha na sociedade distribuição e troca de productos?

Por consequencia, o organismo melhor adaptado é o que melhor se nutre; e a socieda-

de melhor organizada é a que melhor produz.

Verdade tão simples, tão clara, tão evidente só agora é que se vae tomando em consideração. Outr'ora quando rebentava uma epidemia ou uma crise economica, recorria-se, para as debellar, á prece e á penitencia; hoje recorre-se ás desinfecções, á vaccina, a medidas preventivas que a hygiene aconselha. Si é no dominio da economia que grassa o mal, põem-se em execução os recursos que a experiencia ordenar; procura-se reagir por meios essencialmente praticos.

Porque estamos convencidos de que os flagellos que assaltam uma população são apenas effeitos de causas naturaes e sociaes; que estas mesmas causas actuan sobre as molestias epidemicas e sobre as que se perpetuaram sob a forma de endemias, como contribuem para a degeneração humana pelo alcoolismo, pelas intoxicações profissionaes, pelo excesso de trabalho e ausencia de hygiene nas fabricas, pela insalubridade dos campos, pela crescente miseria das classes pobres; por todo um cortejos de desgraças que dizimam, atrophiam embrutecem os povos mais fortes e intelligentes.

Estes, felizmente, já reconhecem que é nos laboratorios, nos serviços de exgotto, de drenagem, na purificação do ar e das aguas, na melhoria das condições materiaes da existencia, na educação physica, moral e intellectual do individuo, que está o segredo da sua força, do seu poder, da sua aptidão para ven-

cer no campo da concorrência internacional ; que um povo que bem se nutre, que tem as suas cidades e os seus campos saneados, que não faz da lei do trabalho um regimen de exploração iniqua, que olha com carinho paternal para a educação infantil, que conta em cada individuo um coefferente do bem estar colectivo, este pode dizer-se que se libertará da degenerescência e da morte.

O mesmo não se pode esperar de um povo composto na sua quasi totalidade de analphabets e de supersticiosos, de typos enervados, apathicos, inconscientes ; que, em vez de cuidar dos seus interesses vitaes, de instruir-se, de precaver-se da miseria, da peste, da ruina economica, da bancarrota financeira, se entrega de corpo e alma ao partidatismo politico ; estimula o parasitismo e a vagabundagem, eleva á categoria de homens sensatos os cretinos e de honestos os delinquentes.

Desgraçadamente é o quadro que nos offerece a vida do nosso paiz onde se morre de fome, e a riqueza brota, por assim dizer, á flor da terra.

Será porque sejamos uma sub-raça, um paiz de mestiços, uma fusão de elementos ethnicos inferiores, ou porque sejamos uma nacionalidade em via de formação, o que explica esse estado de deliquescência social do povo brasileiro ?

O ponto de vista ethnologico é estreito, talso mesmo quando se dá como factor exclusivo da nossa decadencia. Raros são os socio-

logos que ainda se deixam seduzir pelos romances anthropologicos dos Gobineau. A historia demonstra, apoiada aliás pela ethnologia, que raças differentes em epocas differentes se ergueram a um alto grau de cultura, sem que para isso tivessem unicamente concorrido a configuração do craneo, a estatura, a côr da pelle e dos cabellos, e outros caracteres que, como aquelles, se fixaram, constituindo os diversos typos de raza.

Tambem não é porque sejamos um esboço de nacionalidade que marchamos com passo tardio e cansado pela estrada da civilização. Somos, ha quasi um seculo, um povo livre, com tradições, com costumes petrificados na alma popular, com instituições copiadas dos melhores modelos, com um "folk-lore" opulentissimo, com uma lingua harmoniosa e flexivel. Vivemos em contacto com as nações mais cultas, com as quaes mantemos relações cordialissimas; somos um raro exemplar dos povos amantes da paz, tanto que de um canhão brasileiro jamais partiu um obuz que não fosse em defesa do territorio e da honra nacional.

Apesar de tudo isto, passamos uma vida de mendigos: mendigamos ao estrangeiro os seus capitaes em troca de pesados juro; mendigamos os seus productos, as suas machinas, os seus inventos, os seus technicos, a sua sciencia, as suas leis. Mendigamos tudo, até mesmo a sua preferencia pelos nossos mercados e pela nossa materia prima.

E a consequencia disto, é que as crises entre nós são endemicas; e nós as suportamos re-

signados; assistimos indifferentes ao definhamento e á morte dos nossos sertanejos que num grito de desespero nos estendem, famintos, andrajosos, os braços descarnados, a implorar o nosso auxilio.

Nem este grito, de uma sonoridade macabra, tetrico, lamentoso, parece que ouvimos; porque os dias correm, passam os mezes; e os soccorros não seguem! E então é o exodo fatal, o abandono da terra querida, da choça, do roçado que o sol calcinou; é o marchar sem destino, pelas estradas, onde aqui, acolá, uma ossada alveja, ás vezes um esqueleto humano, que parece querer exprimir num rir sinistro e mudo, aos que passam desalentados, exaustos, que a nossa piedade, que o nosso altruismo ainda é um gesto da vassalagem para com o estrangeiro.

Infelizmente é uma melancolica verdade.

Quando o mundo parecia abysmar-se para sempre num mar de sangue, em uma guerra que não foi provocada por nós, que era mais o fructo de rivalidades economicas entre potencias, não faltámos ao appello das victimas dessa hedionda tragedia: a nossa generosidade foi sem limites; festas pomposas, kermesses, bandos precatorios, beneficios, subscrições não se fizeram esperar; um prurido de fazer bem, de soccorrer os pobres orphãos, as viúvas, os prisioneiros, sacudiu os nossos nervos, galvanizou-os. Seria um insulto não applaudir tão bello movimento de solidariedade humana.

Agora deveríamos fazer o mesmo com os

filhos do nosso sertão, que morrem á mingua, que se definham, elles que representam o typo genuinamente nacional, e por isso mesmo dignos de ser tratados com toda sollicitude. Entretanto, esmolam pelas ruas quando têm a fortuna de não morrerem pelos caminhos; não nos causam piedade, causam nojo com os seus andrajos; aborrecem-nos com as suas lamurias, irritam-nos com as suas lagrimas.

Qual o fundo psychologico dessa apathia pelo que é nosso, da falta de amor á terra que damos ao colono estrangeiro para cultivar-a, qual si nos desprendessemos de um fardo incommodo, do desprezo pelos nossos collossaes thesouros, pela nossa gente, pelos que descendem como nós da mesma camada de antepassados, em cujas veias corre o mesmo sangue, cujos labios modulam as mesmas trovas, em cujo peito palpita a mesma alma?

A isto respondem o hygienista e o educador.

Entre as causas a que o hygienista attribue este estado de inferioridade physica, moral e intellectual da maioria dos habitantes do Brasil, vem a anquilostomiase que existe no continente americano sob a forma endemica.

Não entra nos moldes deste trabalho buscar a sua etiologia nem tão pouco estudal-a no ponto de vista clinico : isto compete ao bacteriologista e ao medico.

O que nos interessa saber são os effeitos dessa terrivel molestia sobre a economia nacional, effeitos que se podem calcular pela força de destruição de que são dotados os seus ger-

mens, uns parasitas que se apegam ao intestino, que sugam o sangue e o degeneram; que provocam graves perturbações no funcionamento dos órgãos da nutrição, e alteram o mecanismo do systema nervoso: que contribuem para retardar o crescimento das creanças predispondo-as ao rachitismo, á tuberculose, á syphilis, tornando-as infezadas, imbecis, inaptas para a vida; que extinguem no adulto o estímulo para o trabalho, matando-lhe a coragem, o espirito de iniciativa, a alegria de viver de que são dotados os organismos sadios.

Avalia-se que 80 % da nossa população laboriosa sofre de anquilostomiasse ou supportam os effeitos da inoculação do germen, mesmo depois da cura.

Juntem-se a esta a tuberculose, a peste bubonica, o impaludismo, a febre typhica e outras molestias que infestam o nosso paiz onde a prophylaxia apenas se faz sentir em uma ou outra cidade. e então podemos formular um juizo do grau de combatividade, de resistencia, de capacidade productiva do povo brasileiro.

Por outro lado, o educador nos diz que temos 80 % de analfabetos; que dos 20% que sabem ler, talvez 5 % solettrem ou comprehendam mal o que lêem; que o nosso systema de educação está muito longe de preparar o homem para a vida; que é antes um instrumento de oppressão da intelligencia, um deformador de cerebros, um mutilador de caracteres, um estúpido attentado ás leis da biologia e da psychologia, de fazer arrepisar um Herbert Spencer, um Ardigó, um Francisco Ferrer.

E teremos assim completa a explicação da nossa indolencia, da nossa preguiça, do indifferentismo que nos deprime e avilta perante as outras nações.

Que dizer da actividade economica de um povo em que 80 % dos individuos que trabalham são doentes, e que conta mais por cima 80 % de analphabetos ? Que misera situação a dos nossos operarios que, além do magro salario que lhes não dá conforto a si e aos filhos, ainda têm deante de si o espectro de molestias que adquirem em fabricas immundas, em industrias nocivas, em terrenos insalubres, onde se inutilizam e se perdem todas as suas energias ?

Em synthese, somos um povo enfermo, vivendo em um terriorio onde a natureza se esmerou em concentrar todo o seu poder creativo. Para o homem é que ella foi ingrata, porque semeou as nossas formosas praias, as nossas florestas, as nossas immensas chapadas verdejantes, os nossos rios profundos de elementos destruidores da vida humana, desde o microbio insidioso que nos mata lentamente, até o terrivel cascavel que com um bote traiçoeiro nos fulmina.

Hygienizar o paiz e educar o seu povo, eis os dois processos por meio dos quaes se corrige a natureza e consequentemente se aperfeiçoa o homem.

O que é preciso é que não só os governos, mas o medico, o professor, a familia, todas as classes da sociedade façam do saneamento do Brasil e da educação nacional sobre bases sci-

entificas, os dois problemas fundamentaes aos quaes está ligado o nosso destino.

E' preciso socializar a hygiene, democratizal-a, tornal-a um patrimonio collectivo; é preciso reformar a nossa educação, e fazer della e da hygiene social as columnas sobre as quaes se erguerá o edificio do futuro.

Cultivar e ensinar o amor da vida, vencer os espiritos mais obtusos de que saúde e riqueza são uma só e mesma cousa; remodelar a nossa gente, physica, moral e intellectualmente, por processos racionaes, positivos; combater com a mesma vehemencia os microbios que nos dilaceram os tecidos e os preconceitos que nos desorientam a mente, tal é o programma que a todos nós se impõe.

Não é porque somos mestiços ou porque somos um ensaio de nação, que marchamos na retaguarda dos outros povos; é porque somos ignorantes, mal educados, mal nutridos; é porque temos o sangue depauperado, o figado, o coração, o estomago, o intestino e os nervos infeccionados.

Mais do que a raça, mais do que a tradição, mais do que o costume, pode a educação que é a propria lei de adaptação racional e experimentalmente executada, lei que modifica a raça, que faz recuar a tradição, que revoga o costume quando o não amolda a necessidades novas da vida social.

Oxalá que a nós, que nos interessamos pela saúde do povo brasileiro, porque sobre ella assentará toda riqueza nacional, todo o seu progresso, possamos em pouco tempo ouvir do

estrangeiro, não que no Brasil tudo é grande menos o homem; mas que no Brasil tudo é grande e maior o poder do homem que o habita !

Dr. Joaquim Pimenta.

